

Muito triste e desencantado com o que ouvia, pensei em Emmanuel e como se eu ligasse uma tomada nos ouvidos para a voz dêle, escutei-o, ao meu lado:

— Sim, volte a Pedro Leopoldo e procuremos trabalhar. Você não é um sofrê, mas precisa sofrer para aprender.

Assim ficou encerrada a experiência. Regressei ao armazém do Sr. José Felizardo Sobrinho, de onde, aliás, me afastei pouco tempo depois para colocar-me no Ministério da Agricultura. Conforme afirmava Emmanuel, nunca nos faltou o amparo da Providência Divina e conto o fato porque naturalmente outros médiuns enfrentarão situações semelhantes e o que se passou comigo foi para mim abençoada lição.

P — O Sr. José Álvaro Santos era espírita?

R — Não era espírita. Conheci-o na condição de católico de coração excelente.

P — Ele soube da proposta que você recebeu?

R — Não de minha parte. Emmanuel julgou que eu devia encerrar o assunto, sem criar problemas entre ele e os amigos, de vez que o Sr. José Álvaro Santos pretendeu auxiliar-me na obtenção de trabalho honesto, com a sinceridade de um amigo fiel.

P — Depois disso, Emmanuel examinou o assunto com alguma consideração digna de nota?

R — Nossa benfeitor espiritual ponderou, como sempre, que todo médium tem seus testes como todo aluno tem exames na escola, e que eu não poderia escapar. Ainda hoje, devo sofrer para aprender, como me dizia ele em 1933 e creio sinceramente que ainda nada sofri para compensar as alegrias que ele, Emmanuel, na Doutrina Espírita, me tem dado.

Nesse ponto, encerrei a entrevista, conquanto os assuntos novos que se mostravam, palpitantes e vivos.

O horário, porém, não mais comportava a palestra e, de minha parte, sentia a necessidade de tudo anotar para minha própria meditação.

Literatos que Voltaram

JINFORMADOS de que Chico Xavier teve algumas vêzes contatos espirituais com literatos que lhe prometeram mensagens para depois da desencarnação, e conhecendo a importância do assunto para os estudiosos do Espiritismo, animamo-nos a endereçar-lhe algumas indagações para documentar as nossas observações nesse sentido.

Para isso, enfileiramos algumas perguntas às quais, através da palestra natural, algumas outras apareceram, oportunas e espontâneas.

E, dessa forma, surgiu a presente entrevista, de que saltam as informações do médium, com a naturalidade que lhe conhecemos na palavra sincera e que oferecemos aos nossos leitores dentro da fidelidade de que somos capazes, atentos ao nosso interesse comum na pesquisa das realidades que nos aguardam, além da morte.

P — Chico, recorda-se de escritores e poetas que hajam prometido pessoalmente a você regressarem do Além, a fim de algo escreverem por suas mãos?

R — Lembro-me de alguns.

P — Pode citar alguns prosadores de sua lista?

R — Maria Lacerda de Moura e Romeu do Amaral Camargo, por exemplo.

P — Será possível a nós outros saber como se deram as promessas de volta e a volta em si mesma?

R — Conheci pessoalmente Dona Maria Lacerda de Moura em 1937. Nesse tempo, ela estudava com imenso interesse os fenômenos mediúnicos, num grupo consagrado a diversos orientadores desencarnados do mundo indiano. As reuniões obedeciam às instruções dêles e apresentavam resultados admiráveis do ponto de vista medianímico. Ela convidou-nos, ao Dr. Rômulo Joviano, que era então meu chefe no serviço, e a mim, para assistirmos a algumas reuniões. Com a permissão de Emmanuel, compareci, por algumas vezes, às tarefas do grupo mencionado, e pude ver, através da clarividência, as entidades que operavam, tôdas elas dignas do maior respeito, pelo sentido altamente religioso que davam às próprias manifestações. Dona Maria Lacerda de Moura, com quem troquei impressões sobre o intercâmbio em andamento, declarou-me estar convencida, quanto à sobrevivência da alma, depois da morte. E, por várias vezes, me disse que se partisse para o Mundo Espiritual, antes de mim, viria, se pudesse, ao meu encontro para escrever o que lhe fosse possível. Desencarnada em 1945, voltou a ver-me em espírito e grafou, por minhas mãos, a mensagem que consta do livro "Falando à Terra"⁽¹⁾.

P — Teria ela conversado com você, em torno de assuntos que não estejam na mensagem citada?

R — Sim.

P — Ser-nos-á lícito saber de que tratou, se não fôr indiscrição?

R — Dona Maria que teve uma fase de livros combativos, em sua existência de escritora e mentora da mocidade, me disse que o azedume não constrói e que eu pedisse à Providência Divina para que inteligências desencarnadas com a vocação da censura violenta não viesssem escrever por meu intermédio, criando problemas na seara de amor que o Espiritismo Cristão a todos nos oferece. Nesse sentido, falou

(1) "Falando à Terra", edição da F.E.B.

comigo que eu desse graças a Deus por me achar sob as orientações do Espírito de Emmanuel que se impusera a si próprio rígidas disciplinas, a fim de servir ao Evangelho de Jesus.

P — Depois disso, ela tornou a falar com você?

R — Muito raramente.

P — Já que ela se referiu, de maneira assim confortadora, ao Espírito de Emmanuel, estaria, no Além, na condição de colaboradora dêsse nosso benfeitor espiritual?

R — Não. Dona Maria informou-me que prosseguia, no Mundo Espiritual, ao lado de vários amigos indus, estudando mentalismo, com vistas aos planos de trabalho espiritual que formulara para o futuro.

P — Contou de que modo realizava ela êsses estudos?

R — Não me deu detalhes, mas deduzi, pelo que ela me disse, que se trata de tarefas muito importantes sobre renovação espiritual.

P — E quanto ao nosso caro escritor espirita Romeu do Amaral Camargo? Podemos saber algo?

R — Nosso amigo escrevia-me, às vezes, e numa das cartas últimas que me dirigiu para Pedro Leopoldo, afirmava com bondade e otimismo que, se lhe fosse possível, escreveria, por mim, na hipótese de anteceder-me na desencarnação. Pouco tempo depois de deixar-nos, cumpriu a promessa e deu-nos as páginas que se encontram igualmente no livro "Falando à Terra", já mencionado⁽²⁾.

P — Disse êle, algo mais, além da conhecida mensagem?

R — Afirmou-me que prosseguia trabalhando ativamente em organizações espiritas-cristãs do Plano Superior e que, nós, os espiritos carregamos enormes responsabilidades nos ombros,

(2) "Falando à Terra", 1.^a edição, págs. 76-87.

porque recebemos o conhecimento libertador de que as leis de Deus funcionam na consciência de cada um. Acrescentou que somos tão beneficiados no plano físico pelos princípios espíritas evangélicos e por isso mesmo tão agraciados pela Misericórdia de Deus que, até a época em que conversava comigo, pela primeira vez, não havia visto, dentre os companheiros já desencarnados com os quais convivia, um só que não se queixasse de condições deficitárias para com a Doutrina Espírita. Tão grandes eram as bênçãos recolhidas que todos admitiam terem saído da experiência física reconhecendo-se endividados para com o Espiritismo Cristão, pelo qual, segundo a opinião dêles mesmos, deviam ter trabalhado mais.

P — Nosso amigo Romeu do Amaral Camargo ainda vem conversar, em espírito, com você?

R — Algumas vezes.

P — Chico, acerca dos poetas amigos que teriam regresado da Vida Espiritual, depois de entendimento com você, lembra-se de alguns?

R — De imediato, recordo-me de quatro amigos muito queridos, Honório Armond, Cornélio Pires, Maria Dolores e Jésus Gonçalves.

P — Você conheceu Honório Armond? Era ele espírita?

R — Ao que sei, não era ele espírita, mas um grande poeta e um grande homem, pela cultura e pela bondade. Encontrei-me com ele, algumas vezes, em grande cidade mineira, para onde me deslocava, a serviço de exposições pecuárias. Fui apresentado a ele pelo Dr. Durval Nascimento, grande professor barbacenense e, logo depois das primeiras palavras, disse-me haver lido o "Parnaso de Além-Túmulo", comentando com respeito e simpatia os poemas psicografados. Desde então, quando nos víamos declarava-me, mais por bom-humor do que por outra causa, que se desencarnasse antes de mim, voltaria a escrever por meus dedos. E voltou mesmo. Ao lado daquilo que compõe, por nosso intermédio, costuma dizer-me que vem

se adaptando à Vida Maior e que não dispõe de palavras para descrever o que sente agora, perante o Universo⁽³⁾.

P — Que se pode saber quanto a Cornélio Pires?

R — O grande poeta humorista visitou-nos em diversas ocasiões, em Pedro Leopoldo, e habitualmente profetizava que me daria notícias depois da morte. Quando o vi, pela derradeira vez, neste mundo, em 1945, estava abatido, fatigado... Informou-me que não se sentia longe da desencarnação e que eu lhe aguardasse o espírito... Depois de desencarnado, lembrava-me habitualmente dele, em minhas orações. Anos passaram. Em 1956, quando me achava numa reunião pública de Espiritismo, na cidade de Sacramento, no Lar de Eurípedes, ele surgiu diante de mim e escreveu o primeiro dos seus sonetos mediúnicos por meu intermédio. Desde então, tornou-se

(3) Das páginas que Xavier psicografou de Honório Armond, destacamos este soneto que fala significativamente de suas novas inspirações no Plano Espiritual:

ALCOÓLATRAS

Quadro pungente

Alcoólatra vampiro alça a bôca debalde,
Ébrio desencarnado, a hedionda sêde aguça.
Hispidos lábios lambe e escancara a dentuça,
Tateia o vidro, em vão, do frasco verde e jalde.

Rápido, caça alguém no remoto arrabalde,
Alcoólatra encarnado encontra e lhe refuça
A goela que se inflama, enrubesce e empapuça,
Como a sacar de si mais sêde que a rescalde.

Agarra-se o vampiro ao bêbado por entre
As vértebras do peito e as vísceras do ventre,
Toma-lhe o braço e o corpo... Estala a língua bronca!

A dupla bebe, bebe... E, às tontas, na calçada
Cai de borco no chão, estira-se largada,
Delira, gême, dorme, espolinha-se e ronca...

um excelente amigo de nossas atividades mediúnicas na Comunhão Espírita Cristã de Uberaba, onde aparece, freqüentemente, trazendo-nos enorme alegria e reconforto com as suas páginas.

P — Cornélio Pires, desencarnado, terá, porventura, algum programa determinado de ação?

R — Não posso saber, mas vejo que ele é um obreiro dedicadíssimo da divulgação dos princípios espíritas. A respeito da pergunta, desejo narrar uma pequena passagem de minhas relações mediúnicas com o nosso amigo Cornélio Pires. Numa tarde do ano passado de 1966, sem que me lembre agora o dia exato, desejava sair à noite para ver alguns companheiros que se achavam num hotel, quando Cornélio me apareceu e disse assim:

*Escuta-me, Chico amigo,
Pede a Deus para que eu possa,
Escrever hoje contigo
Alguma cousa da roça.
Inspiração não se atrasa,
Quero falar do sertão,
Não saia agora de casa,
Preciso de sua mão.*

Achei muito curiosos os versos que eu ouvia dêle e anotei-os para não esquecer. O resultado é que não me ausentei do lar e ele, à noite, escreveu algumas páginas que desejava grafar.

Como vemos, nosso amigo desencarnado deve ter um programa determinado de serviço que, de imediato, não sabemos qual seja⁽⁴⁾.

(4) Dentre as páginas de Cornélio Pires, recebidas na noite referida, salientamos as trovas aqui transcritas que o médium conservou em seu arquivo, de vez que as demais mensagens se destinaram a amigos do poeta de Tietê:

P — Que nos diz da poetisa Maria Dolores?

R — Era ela uma poetisa notável e obreira dedicada do Espiritismo no Brasil. Nasceu na Bahia e militou na seara espírita em Salvador. Foi, algumas vezes, a Pedro Leopoldo, e não só cultivamos confortadora amizade que foi sempre uma honra para mim, como também mantivemos correspondência por vários anos. Maria Dolores às vezes, com a bondade que lhe marcava o trato fraterno, dizia que, se lhe fosse possível, tomaria minha mão para escrever, quando não mais estivesse no plano físico. Riamos ambos, quando o assunto vinha de

CONFRONTOS

Tristeza oculta no peito
Tem a manha do cupim
Que, quando surge na casa,
O telhado está no fim.

*

Cíume (Deus me perdoe)
Parece em qualquer feição
Com jararaca enroscada
Por dentro do coração.

*

Orgulho lembra o coqueiro
Que mais alto põe o cacho,
Um dia, o raio aparece
E o coqueiro vem abaixo.

*

Vaidade recorda a rã
Que não vê a própria face
E pensa que o mundo inteiro
É a lagoa onde ela nasce.

*

nôvo, à baila, em nossas conversações. Por mais reafirmasse a promessa, nunca admiti que isso viesse a acontecer, por quanto, era ela, entre nós, uma senhora relativamente moça, desfrutando boa saúde. Entretanto, os vaticínios da estimada amiga se realizaram. Ela partiu para a Vida Espiritual, em 1959, e decorridos alguns anos, apareceu-me em espírito, bem disposta e otimista, tendo escrito, até agora, por minhas mãos, vários poemas que realmente muito me reconfortam pelas idéias e sentimentos sublimes que encerram.

Mentira é igual ao macaco
Que come no pé de amora,
Corpo escondido na rama,
Deitando a cauda de fora.

*

Melindre parece a larva
Que cresce sem rebolço
E acaba matando a rosa,
Sem que a rosa dê por isso.

*

Maledicência relembra
Um papagaio invulgar,
Que vive tanto mais preso
Quanto mais sabe falar.

*

Apêgo desenfreado
É igual à hera em ação
Que, aos poucos, abraça o muro
E atira o muro no chão.

*

Cobiça, se bem comparo,
É assim como pogo fundo
Que cabe, de ponta a ponta,
Toda a miséria do mundo.

P — Maria Dolores algo disse a você, com respeito às novas atividades que abraçou no Além?

R — Informou-me que prossegue interessada no serviço às crianças menos felizes, pelas quais já havia trabalhado carinhosamente na Terra e que atualmente se empenha a essa tarefa, de alma e coração, enquanto aguarda alguns dos seres queridos que deixou no mundo e dos quais deseja estar mais próxima. Acrescentou que, servindo às crianças necessitadas, pode manter-se nas vizinhanças dos corações que mais ama e aos quais se propôs servir com toda a dedicação de que é capaz.

P — Que nos diz do nosso irmão Jésus Gonçalves?

R — Não cheguei a conhecer Jésus pessoalmente, mas tivemos uma correspondência regular por dois anos consecutivos. Achava-se ele, em tratamento em Pirapitingui, quando passou a se comunicar comigo, através da bondade de nossas irmãs D. Zaira Junqueira Pitt e Julinha Kohleisen, ambas residentes em São Paulo. Ele me escreveu um bilhete amigo e respondi. Desde então, habituei-me a receber o confôrto que as palavras dele me traziam. Edificava-me ao receber-lhe as observações otimistas. Conquanto vítima de moléstia pertinaz, ele era um exemplo de coragem e resignação, tranquilidade e fé viva. Dava-me tantas lições de paciência e compreensão que, muitas vezes, os recados e missivas dele para mim representavam mensagens da Vida Superior. Em muitos dos pequenos avisos que me enviava dizia que, ao partir da Terra, pretendia ir ver-me em espírito. Em algumas ocasiões, enviou-me retratos dele, atendendo aos meus pedidos e porque a moléstia lhe impusesse algumas alterações fisionômicas, costumava escrever-me com bom humor: "Irmão Chico, se você notar alguma diferença de uma fotografia para outra, isso é defeito da máquina, porque continuo sempre o mesmo." De minha parte, respondia procurando encorajá-lo, se bem reconhecesse que ele era um armazém de bom ânimo para mim. Acontece, porém, que em se desencarnando, se não me engano, em fevereiro de 1947, nosso caro poeta veio efetivamente ao nosso encontro como prometera.

P — Conseguiria recordar-se das circunstâncias em que ele teria aparecido a você, pela primeira vez depois da morte do corpo?

R — Sim. Isso verificou-se da maneira, a mais comumente para mim. Antes de narrar o sucedido devo dizer para melhor entendimento do que vou contar que ele, na última carta que me enviou, dias antes da desencarnação, mandou-me um retrato, — o derradeiro retrato que tive do nosso inesquecível amigo —, no qual aparecia ele com algumas alterações na face e numa das pernas. Compreendi que a moléstia física progredia sempre e guardei a foto entre as minhas recordações mais queridas. Depois da carta com essa lembrança, algumas semanas passaram sem que eu recebesse novas notícias dele. Acontece que numa noite do mês de março de 1947, — não me recordo exatamente da data precisa, — chegaram a Pedro Leopoldo os nossos amigos Sr. Francisco de Paula Cardoso, que residia em Santa Cruz do Rio Pardo, Estado de São Paulo, e Dr. Raul Soares, atualmente Diretor residente no Lar Anália Franco, da cidade de São Manoel, no mesmo Estado. Era uma terça-feira, em cuja noite não tínhamos qualquer tarefa no Centro Espírita Luiz Gonzaga, e por isso, os dois confrades citados e eu deliberamos ir à sede do grupo, que ainda se situava no lar de minha cunhada Geni, viúva do meu irmão José Cândido Xavier, a fim de orarmos juntos. Sentei-me entre os dois. Dr. Raul Soares fêz a prece e, daí a minutos, Emmanuel se comunicava conosco. Terminada a mensagem do nosso querido orientador e quando me achava ainda em profunda concentração mental, vi a porta de entrada iluminar-se de suave clarão. Um homem-espírito apareceu aos meus olhos, mas em condições admiráveis. Além da aura de brilho pálido que o circundava, trazia luz não ofuscante mas clara e bela a envolver-lhe certa parte do rosto e da cabeça, ao mesmo tempo que uma das pernas surgia vestida igualmente de luz. Profunda simpatia me ligou o coração à entidade que nos buscava, assim de improviso, e indaguei mentalmente se eu podia saber de quem se tratava.

O visitante aproximou-se mais de mim e ouvi-lhe a voz calma e firme:

— Chico, eu sou Jésus Gonçalves! Cumpro a minha promessa... Vim ver você!...

As lágrimas me subiram do coração aos olhos. Percebi que o inolvidável amigo mostrava mais intensa luz nas regiões em que a moléstia mais o supliciara no corpo físico e quis dizer-lhe algo de minha admiração e de minha alegria, entretanto, não pude articular palavra alguma nem mesmo em pensamento.

Ele, porém, continuou:

— Se possível, Chico, quero escrever por você... dar minhas notícias aos irmãos que deixei à distância e agradecer a Deus as dádivas que tenho recebido...

A custo, perguntei a ele, ainda mentalmente, o que pretendia escrever, querendo, de minha parte, falar alguma coisa porque eu ignorava que ele houvesse desencarnado e não conseguia esconder o meu jubiloso espanto.

Ele abraçou-me. Em seguida, colocando-se no meio da pequena sala, recitou um poema que eu ouvia, mas não guardava na memória... Ao terminar, pareceu-me mais belo, mais brilhante...

Notando que o Sr. Francisco de Paula Cardoso e Dr. Raul Soares começavam a se preocupar com o pranto que eu não podia conter, rompi a expectativa, perguntando a Dr. Raul se ele tivera conhecimento da desencarnação do amigo que ali se nos apresentava. Ele e o Sr. Cardoso responderam negativamente. E como eu dissesse que ele, Jésus Gonçalves, queria escrever, Dr. Raul Soares ponderou que seria justo eu tomar o lápis e obedecer, prometendo que ele seguiria com o Sr. Cardoso, de Pedro Leopoldo, para Pirapitingui, a fim de averiguar o que havia de autêntico no assunto, mesmo porque o grande poeta estava muito espiritualizado pelas provações de que se via acometido e talvez se achasse ali conosco fora do corpo físico, num fenômeno natural de desdobramento.

Segui o parecer muito justo de Dr. Raul Soares e tomei o lápis... Jesus Gonçalves debruçou-se sobre o meu braço e escreveu em lágrimas os versos que ele recitara para mim, momentos antes, em voz alta, os dois primeiros sonetos que recebi dele e que constam do seu livro póstumo, intitulado "Flôres de Outono"⁽⁵⁾, versos ésses que peço licença para ler, de modo a que fiquem, como inolvidável recordação do nosso amado amigo, hoje na Vida Espiritual:

PALAVRAS DO COMPANHEIRO

(Aos meus irmãos de Pirapitingui)

I

*Irmãos, cheguei contente ao Nôvo Dia
E ainda em pleno assombro de estrangeiro,
Jubiloso, saltei de meu veleiro
No pôrto da Verdade e da Harmonia.*

*Bendizei, com Jesus, a dor sombria,
Na romagem de pranto e cativeiro,
N'ele achareis o Doce Companheiro
Para as rudes tormentas da agonia...*

*Não desdenheis a chaga que depura,
Nossas horas de amarga desventura
São dádivas da Lei que nos governa!...*

*As escuras feridas torturantes
São adornos nas vestes deslumbrantes
Que envergamos ao sol da Vida Eterna!*

(5) "Flôres de Outono", edição LAKE, 1948, páginas 82 e 83.

II

*Ave, maravilhosa madrugada
Que desdobras a luz no céu aberto
Além das trevas, longe do deserto
Onde a esperança geme incontentada!*

*Salve, resplandecente e excelsa estrada
Sobre o mundo brumoso, estranho e incerto,
Que acolhe, em paz, o espírito liberto
Na vastidão da abóbada estrelada!*

*Oh! meu Jesus, que fiz na noite densa,
Por merecer tamanha recompensa
Se confundido e fraco me demoro?!*

*Recebe, ante a visão do Espaço Eleito,
A alegria que vasa de meu peito
Nas venturosa lágrimas que choro...*

Quando a pequena reunião terminou, a emoção não me permitiu a leitura. Dr. Raul Soares, vivamente sensibilizado, leu os versos e, no dia seguinte, seguiu com o Sr. Paula Cardoso, levando a mensagem para a cidade de Pirapitingui, de onde me escreveu, imediatamente, comunicando que Jesus havia desencarnado, alguns dias antes de nossas preces.

*

Notei que Chico se comovera demasiado ao rememorar a sessão descrita e, como já registrara notas suficientes para refletir nos escritores que haviam regressado da Vida Maior, conforme êles próprios haviam anunciado, encerrei a nossa conversação.